



## A MOTIVAÇÃO DA APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DOCENTE COMO MEIO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR E COMPREENDER OS SABERES DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

THE MOTIVATION OF LEARNING UNDER THE TEACHING PERSPECTIVE AS A WAY TO OVERCOME THE SCHOOL FAILURE AND UNDERSTAND THE KNOWLEDGE OF STUDENTS IN THE LITERACY PERIOD

Teresa Cristina Carrara Ferreira <sup>1</sup>

Viviane Cardoso Da Silva <sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo foi elaborado a partir de estudos teóricos e de pesquisas acerca do fracasso escolar e sobre a construção do saber na tentativa de compreender como o professor que atua nas salas de alfabetização com alunos dos primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental motiva a aprendizagem das crianças, de modo que possam abranger-se dos saberes de seus alunos para superarem o fracasso escolar. Em primeiro lugar procurou-se entender os conceitos acerca do sucesso e do fracasso escolar sobre a perspectiva dos estudos de Charlot (2000, 2013) e dos pressupostos esperados para que o aluno de primeiro e segundo ano possa ser considerado alfabetizado dentro das normas e leis da educação brasileira, atingindo assim o êxito escolar. Em seguida, realizou-se uma reflexão sobre o sentido da aprendizagem para o aluno e o que o motiva ou mobiliza a aprender. Por fim, avaliamos os dados da pesquisa on-line realizada com 13 professoras alfabetizadoras da rede municipal de Hortolândia e analisamos o que elas dizem acerca da construção de saber de seus estudantes, as práticas e estratégias que utilizam em da sala de aula para motivar seus alunos a fim de superarem o fracasso escolar.

**Palavras-chave:** Fracasso escolar; Motivação da Aprendizagem; Alfabetização.

**ABSTRACT:** This paper was elaborated from theoretical studies and research about school failure and the construction of knowledge in an attempt to understand how the teacher who works in literacy classes with students from the first and second years of Elementary Education motivates children's learning, so that they can embrace their students' knowledge to overcome school failure. Firstly, we tried to understand the concepts about school success and failure from the perspective of Charlot's studies (2000, 2013) and the expected assumptions so that the first- and second-year students can be considered literate within the rules and laws of Brazilian education, thus achieving school success. Then, there was a reflection on the meaning of learning for the students and what motivates or mobilizes them to learn. Finally, we evaluated the data from the online survey conducted with 13 literacy teachers from the municipal schools of Hortolândia and analyzed what they say about the construction of their students' knowledge, the practices and strategies they use in the classroom to motivate their students overcome school failure.

**Keywords:** School failure; Learning Motivation; Literacy.

<sup>1</sup> Teresa Cristina Carrara Ferreira, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade São Francisco, Campinas - São Paulo.

<sup>2</sup> Viviane Cardoso Da Silva, Doutoranda em Educação pela UNICAMP, Campinas - São Paulo



## INTRODUÇÃO

Ao longo da minha vida e carreira profissional, como pedagoga, alfabetizadora, psicopedagoga clínica e institucional e estudiosa dos temas da educação, tenho me debruçado a compreender como as crianças aprendem, quais são as suas dificuldades de aprendizagem e como se dá o desenvolvimento intelectual pelas perspectivas da psicologia do desenvolvimento cognitivo infantil.

Ao iniciar os estudos na especialização “Relação com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho na escola pública”, baseado na obra de Charlot (2000) como um dos principais teóricos do curso, fui solicitada a realizar uma das primeiras atividades propostas, que era escrever uma autonarrativa, para contar um pouco de como me tornei quem sou hoje na educação formal. Esta foi a minha primeira experiência no âmbito das narrativas e me fez refletir sobre como vem se desenvolvendo a minha trajetória como professora.

Nesta minha pequena autobiografia discorri um pouco sobre os aspectos da minha formação, como trilhei meu caminho na área educacional, quais foram os percalços que encontrei, as minhas conquistas e as percepções que eu tinha sobre a escola e encaminhei para um colega, que deveria elaborar um questionamento, ou seja, uma pergunta ao final da leitura, que viria a se tornar o meu projeto de pesquisa.

Após receber a devolutiva da leitura de minha autonarrativa com o seguinte questionamento “como você motiva seus alunos para aprenderem, a fim de superar o fracasso escolar?” e ao refletir sobre esta questão, percebi a necessidade de obter um olhar mais amplo sobre o assunto, do ponto de vista sociológico. Um enfoque voltado para a compreensão das relações com o saber, de modo a ampliar meu olhar para além da compreensão das dificuldades infantis que ocorrem durante o processo de aprendizagem escolar, em especial nas dificuldades que ocorrem na fase de alfabetização e que levam as crianças ao fracasso escolar.

Sabemos que a alfabetização e a aquisição da leitura e da escrita são iniciadas antes da escolarização da criança, ou seja, se inicia nas relações que estabelece com sua família fora da escola, no seu ambiente de convívio e no ingresso desta na educação infantil. É nos primeiros anos do Ensino Fundamental que são formalmente trabalhadas e consolidadas, criando condições básicas para que o aluno possa prosseguir seus estudos na Educação Básica.

É no ingresso da criança na escolarização formal que começamos a ouvir as primeiras percepções acerca do fracasso escolar. Na transição da educação infantil para o ensino fundamental ocorre um rompimento na forma de aprender. Durante a Educação Infantil, as crianças são motivadas através do brincar e de práticas lúdicas e quando ingressam no Ensino Fundamental há uma mudança dessas práticas e um ingresso na normalização do ensino moderno. As regras escolares ficam muito evidenciadas.

A partir da pesquisa bibliográfica baseada nos estudos de Charlot (2000, 2013) e Foucault (2008) que trazem algumas categorias de análise sobre a escola e o fracasso escolar na sociedade em que vivemos procuramos investigar o que esses autores relatam acerca da relação que o aluno estabelece com a sua aprendizagem em sua trajetória escolar.

Também foi necessário realizar a análise de conteúdo com as contribuições dos estratos da narrativa de 13 professores alfabetizadores, que atuam diretamente nas salas de alfabetização de 1º e 2º anos da educação básica, que foram coletados em uma pesquisa on-line, a partir da aplicação de um questionário do *Google Forms*, que continham perguntas abertas e fechadas sobre a percepção do professor sobre a aprendizagem de seus alunos.

Buscou-se avançar na compreensão do que os docentes pensam sobre a aprendizagem de seus alunos e o fracasso escolar, a fim de os motivarem a avançar no seu percurso formativo. Não identificaremos os nossos participantes para preservar as suas identidades, uma vez também, que o anonimato foi uma das condições para participação nesta pesquisa. Com isso, utilizamos o termo professora para nomeá-los, seguido de uma numeração.

Este artigo tem como objetivo compreender como o professor motiva, mobiliza a aprendizagem de seus alunos a fim de promover o sucesso escolar durante os primeiros anos do



Ensino Fundamental (alfabetização) e como se relacionam com os diversos saberes de seus aprendentes.

Primeiramente, abordaremos os conceitos encontrados na literatura acerca do sucesso e do fracasso escolar com base nos estudos de Charlot (2000, 2013), mediando com o que as políticas educacionais brasileiras esperam que sejam alcançadas pelas crianças em fase de alfabetização, de modo que possam atingir o sucesso. Em um segundo momento discutiremos o que pode motivar e mobilizar as crianças a aprenderem de modo a tornar seus saberes significativos. Em seguida, analisaremos o que as professoras têm a nos dizer sobre a aprendizagem de seus alunos, como estes compreendem os seus saberes durante a fase de alfabetização e como os motivam a aprender, através de suas práticas e estratégias que realizam em sala de aula, a fim de evitarem o fracasso escolar.

## 1. O QUE PODEMOS ENCONTRAR NA LITERATURA E NAS PESQUISAS SOBRE O SUCESSO E O FRACASSO ESCOLAR.

A normalização da educação brasileira vem sendo regulada pela Constituição Federal Brasileira de 1988, cujo artigo 208 garante o direito e o acesso à educação básica de qualidade e de forma gratuita ao cidadão brasileiro, ratificada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/1996 e programas do Governo como o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), criada em 2012, que estabelece metas para garantir a alfabetização das crianças e pela Política Nacional de Alfabetização (PNA), sancionada pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019.

O Artigo 22º da LDB nº. 9.394/1996 nos diz que “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e estudos posteriores”.

Mesmo com todas essas leis, diretrizes e regulamentações não existem garantias de que o educando obterá sucesso em sua trajetória escolar, não é uma receita que se segue os passos para obter um resultado final. A prática cotidiana é que irá nortear a educação brasileira e mostrar os caminhos no qual o trabalho do professor deverá realizar dentro da escola, em sala de aula para melhor conduzir seu aprendente. Afinal de contas a educação é pensada no vir a ser do aluno, no que ele deverá fazer em suas diversas etapas de desenvolvimento e escolaridade, nos objetivos que ele deverá atingir para se tornar um sujeito capaz de viver em sociedade e não se discute o que ele é ou o que representa de fato no presente. Processo este pensado pelo mundo e saberes dos adultos.

Outras questões foram estudadas, levantadas na tentativa de explicar como tais fatos se atrelam ao fracasso escolar das classes sociais mais baixas pela falta de capital cultural das famílias. Teoria estudada por Bourdieu e criticada por Charlot (2000), pois para o autor ela foi e continua sendo utilizada de maneira equivocada e até mesmo abusiva na tentativa de fadar a criança ao fracasso devido as suas origens, impossibilitando-a de romper com este ciclo.

Muito se discute sobre o fracasso escolar no Brasil na tentativa de encontrar os seus culpados ou até mesmo achar o “bicho-papão” que não permite que uma criança possa aprender adequadamente dentro do esperado para sua idade e ano escolar. Charlot (2000) argumenta que não existe “fracasso escolar”, o aluno é colocado nesta situação, a sua relação com o saber e com a escola não terminam como o esperado, não é algo que possa ser curado, como uma doença. Portanto, para o autor o que precisa ser investigado é como os alunos se relacionam com esses saberes.

Os questionamentos em torno desse tema são muitos e complexos tornando-se até mesmo uma situação crônica que se apresenta dentro das escolas públicas brasileiras. Na tentativa de responder quem é esse sujeito que pode ser considerado como fracassado fomos pesquisar em Charlot (2000) aprofundamentos sobre esse tema.

Para o Charlot (2000), a noção mais propagada de fracasso pode ser empregada para definir o sujeito/aluno que reprova em uma determinada série/ano ou até mesmo para aquele que não adquire determinados conhecimentos, competências ou habilidades esperadas, como por



exemplo aqueles que não aprendem a ler e a escrever nos primeiros anos do Ensino Fundamental e, conseqüentemente, não adquirem as habilidades básicas de leitura e de escrita.

Resende (2011) atenta em sua pesquisa sobre a necessidade de a escola focar nas habilidades que a criança necessita ter para se alfabetizar e deixar de lado as discussões acerca do fracasso, ou seja, do enfoque voltar-se para construção do saber, dentro do seu tempo e necessidade e que irá utilizar tais saberes para a sua vida em diferentes contextos sociais.

Observemos o que podemos encontrar na regulamentação brasileira sobre o sujeito que atinge o sucesso em sua alfabetização. Segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que normatiza e define as habilidades e competências essenciais dos alunos como sujeitos alfabetizados, ou seja, aqueles que obtiveram êxito no seu desenvolvimento escolar nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental são aqueles que deverão desenvolver capacidades/habilidades tais como:

[...] “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letra imprensa se cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua (BRASIL, 2017, p. 89-90).

No documento da Política Nacional de Alfabetização - PNA (BRASIL, 2019), a alfabetização é definida como “ensino das habilidades de leitura e escrita em um sistema alfabético, a fim de que o alfabetizando se torne capaz de ler e escrever palavras e textos com autonomia e compreensão”.

As diretrizes e orientações encontradas nos documentos oficiais brasileiros são bem específicas quanto às habilidades e competências que uma criança deve apresentar para ser considerada alfabetizada, dentro de um olhar estritamente pedagógico. Aquela que não a adquire será considerada pelo sistema um/a sujeito fracassada/o.

Segundo os estudos que Moruzzi (2017) realizou sobre as teorias de Foucault, a escola pode ser compreendida com uma instituição que foi ao longo do tempo se modificando e se tornando um lugar de controle do sujeito infantil, contendo regras bem definidas no espaço, tempo e métodos de ensino que tem como resultado a disciplina e a normalização.

Dentro da instituição escolar podemos observar outros critérios que são utilizados para avaliar se um sujeito atingiu ou não o êxito e estes perpassam pelo contexto da aquisição da leitura e da escrita. Logo, estão implícitos dentro do currículo oculto que as escolas carregam no seu dia a dia, da concepção do “bom” e do “mau” aluno, que está ligado aos mecanismos de poder da disciplina, do controle do corpo e do regime de verdade estudados por Foucault (2008).

Nos estudos de Gomes (2011), em sua pesquisa realizada em uma escola pública de Belo Horizonte no ano de 1993 com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, podemos observar que as professoras, educadoras e a escola classificavam os alunos como “bons” e “maus”.

Os “bons” alunos segundo a pesquisa realizada pela autora com uma professora alfabetizadora são os sujeitos que:

[...] fazem o para-casa do jeito que ela gosta, decoram as sílabas e aprendem a ler, têm hábitos de higiene, têm cadernos limpos e caprichados, vão para a escola de uniforme e calçados limpos, sabem ouvir, têm atenção, olham para o quadro, têm letra linda e seus pais comparecem às reuniões e atendem imediatamente a qualquer chamado da escola”. A qualidade maior do “bom” aluno é a atenção (GOMES, 2011, p. 6).

Já os “maus” alunos são aqueles que não correspondem as expectativas de aprendizagem de leitura e escrita e tem como características:



[...] os rótulos de “preguiçosos”, “malandros”, “desinteressados”, “sujos”, “lambões”, “infrequentes”, “molezas”, “lerdos”, imaturos”. São os “maus” alunos, que, de acordo com a professora, não decoram as sílabas e não aprendem a ler, não têm hábitos de higiene, têm piolhos, usam uniforme, calçados e material escolar sujos, não têm ajuda em casa e seus pais não comparecem às reuniões nem atendem aos chamados da escola. A desqualificação maior do “mau” aluno é a falta de atenção e a preguiça (GOMES, 2011, p. 6-7).

Gomes (2011) observa nos discursos narrados pela professora que os critérios para avaliar o sucesso ou o fracasso escolar de seus alunos abrangiam não somente questões pedagógicas, as habilidades esperadas durante a alfabetização e, sim, voltavam-se também para outros critérios tais como: aceitação das normas e disciplinas escolares, hábitos de higiene etc.

O discurso das diferenças vistas entre os alunos, foi uma teoria muito estudada pela sociologia da reprodução entre as décadas de 1960 à 1970 quanto a análise sobre o fracasso escolar, relacionando-as as questões sociais, familiares e psicológicas, que continuam muito presentes na escola moderna, sem enfatizar outros aspectos, como a atividade de formação, do ensino a todos ou das questões pedagógicas, pertinentes a construção do saber.

A posição social dos alunos, principalmente daqueles vindos das classes mais baixas, ainda era e continua sendo frequentemente discutida como uma das questões mais relevantes para explicar o fracasso escolar e a produção dos maus alunos na escola. A teoria do capital humano<sup>1</sup> na qual Bourdieu é muito criticada. Segundo Charlot (2000) a questão do sucesso ou fracasso não pode estar pautada apenas na questão da reprodução social, do capital e da cultura, embora o capital humano possa ser transmitido de uma geração para a outra, sozinho não consegue dar conta de explicar o fracasso escolar.

## 2. MOTIVAÇÃO OU MOBILIZAÇÃO DO ALUNO?

Segundo Charlot (2013), o problema não está na motivação do aluno e, sim, na capacidade de mobilização. Pois para o autor a motivação é externa e a mobilização é interna, é pessoal e única neste sentido. É preciso compreender como o aluno se relaciona com o que é ensinado na escola e quais as relações estes estabelecem com ela.

Como mobilizar os alunos a aprender se a pedagogia moderna está disciplinada, ou seja, ocorre dentro dos padrões estabelecidos pelas instituições escolares, as quais garantem uma organização e estruturação para que ocorra o aprendizado de forma cada vez mais produtiva e útil? A escola moderna ainda está organizada de maneira que ao final do processo de ensino e aprendizagem seja necessário mensurar o que os alunos aprenderam, através de exames, principalmente, de modo a garantir a “transmissão” dos conhecimentos do professor para o aluno.

Ensinar para além dos conteúdos, das disciplinas escolares e aflorar o verdadeiro sentido da escola e de ir para a escola não é uma tarefa nada fácil. Riscal (2016, p. 63) diz que “a cultura do aluno deve ser reconhecida como legítima, analisada, compreendida e incorporada ao currículo”. O aluno deve ser incluído dentro do processo de planejamento de seu aprendizado, de modo a se sentir pertencente a este e valorizado.

Como realizar esta tarefa sendo que na maioria das vezes vai-se à escola para ganhar nota, passar de ano, passar no vestibular, conseguir um bom emprego? Charlot (2000, 2013) reflete que se faz necessário romper com os paradigmas da sociologia da reprodução e que valorizar a atividade do aluno dentro e fora da sala de aula é importante para o seu reconhecimento social e sentir-se pertencente ao mundo em que vive.

Segundo Gomes (2011, p. 19), “aprender a ler e escrever, por exemplo, é muito mais do que adquirir habilidades básicas. É principalmente construir, obter e atribuir sentido e significado à aprendizagem”. Nesse sentido, verificamos que um dos relatos coletados no questionário aponta

---

<sup>1</sup> Bernard Charlot (2000) analisa as teorias da reprodução social dos anos 60 e 70, dentre os quais a obra de Bourdieu que compreende que é necessário analisar a posição social dos pais para compreender a posição escolar dos filhos.



para estas dimensões mais amplas, ou seja, “*Quanto mais envolvida a criança estiver no processo e mais interessante estiverem os ambientes e as propostas de trabalho, mais rápido a criança aprende*” (Professora 1).

Para isso o professor deverá compreender e refletir que este sujeito tem uma história singular e está inserido dentro de um contexto social estruturado, como concluído por Moruzzi (2017) quando diz que o sujeito para Foucault é constituído pelos dispositivos de sua época, pelas relações de poder e saber no qual estão inseridos, dentro de um *habitus* que lhe proporcionará causas e efeitos em sua vida para assim despertar o seu desejo interno em aprender de seu aluno.

O contexto social faz parte da vida desse aluno, pois este pertence a um grupo social, ou seja, está inserido dentro de uma família que apresenta determinados costumes e pensamentos que o cercam e influenciam em seus pensamentos. O *habitus* para Bourdieu apud Charlot (2013, p. 136) “é um conjunto de disposições psíquicas, duráveis e transponíveis, que foram estruturadas socialmente e funcionam como princípios de estruturação das práticas e das representações”. Assim, para Bourdieu ocorre a reprodução do *habitus* de uma geração para a outra reproduzindo as práticas sociais às quais o aluno pertence. Para romper com esse ciclo de reprodução é necessário se conscientizar de que é preciso enxergar o aluno como um ser capaz de aprender e fazê-lo enxergar um sentido para isso, pois para Charlot (2013, p. 159) “só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender”.

### 3. O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SABER DOS ESTUDANTES

Na nossa pesquisa, aplicamos um questionário on-line com 13 professoras alfabetizadoras que lecionam nos primeiros e segundos anos da rede pública municipal de Hortolândia. Observamos que as docentes apresentam perfis e concepções diferentes dos saberes de seus alunos. Isto nos levou a refletir que cada participante teve uma relação única com o saber, a qual construiu ao longo de sua carreira. Fatores como tempo de atuação na profissão, o tipo de formação que tiveram e as experiências vividas, possibilitaram às professoras refletirem sobre a sua atuação em sala de aula e enxergarem os saberes de seus alunos de maneira singular.

Para Charlot (2013, p. 94), os professores na sociedade contemporânea são trabalhadores que vivem da contradição, que “decorrem do choque entre práticas do professor atual e as injunções dirigidas ao futuro professor ideal”, não nos surpreendemos com os diversos posicionamentos. O professor é um sujeito que enfrenta no seu dia a dia muitos dilemas dentro da sala de aula: ora é visto como herói, ora como vítima; a culpa sobre o fracasso é sua, em outra do aluno; segue práticas tradicionais, pois a escola ainda está organizada para tal, em outro momento é construtivista ou segue outra linha pedagógica, se opondo ao modelo tradicional. É um profissional cobrado por resultados, pressionado por um mundo globalizado e a relação que este profissional tem com o saber pode afetar o futuro profissional e o desenvolvimento social da criança (CHARLOT, 2013).

Cada professor tem o seu jeito, sua particularidade para motivar na tentativa de mobilizar o seu aluno a buscar e ser ativo na construção de seu conhecimento. As experiências que passou durante a sua carreira, o tempo que está atuante na educação e as diversas formações pedagógicas pela qual absorveu conhecimento técnico dizem muito do que este profissional pensa da aprendizagem dos alunos. Na tentativa de entender melhor cada questão levantada procuramos, primeiramente, compreender quem eram as professoras que nos respondiam virtualmente, há quantos anos trabalhavam com a alfabetização de alunos e que tipo de professora se consideravam.

Quanto ao tempo de atuação na alfabetização de crianças, recebemos os seguintes dados: 6 professoras tinham entre 1 a 3 anos de atuação, 3 professoras entre 4 a 6 anos de atuação e 4 docentes com mais de 10 anos de atuação nas classes de alfabetização dos primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental.

Os conceitos de Foucault estudados por Moruzzi (2017, 2019) acerca do discurso disciplinar do corpo infantil, da manutenção da ordem e da produção de dispositivos de poder nos ajudaram a compreender a construção do ensino perpassado ao longo dos séculos até a chegada a



pedagogia moderna e a normalização das práticas pedagógicas escolares. Veiga Neto (1996), também estudioso do Foucault, traz as contribuições sobre os conceitos de processo de subjetivação dos sujeitos, do regime de verdade e das disciplinas como exercício de controle do poder, que utilizamos em nesta pesquisa para estabelecer relações com os diversos perfis das professoras que responderam ao nosso questionário.

Quando questionadas que tipo de profissionais acreditam ser, 9 professoras nos informaram que eram “aquela que dialoga e revê as estratégias sempre que necessário”, certamente, preocupadas com o desafio educacional da diversidade presentes em sua sala de aula e enxergando este aluno nas suas peculiaridades. Outras 2 responderam que eram “aquela que está atenta a todo instante aos movimentos dos alunos, para saber se aprenderam”, como um processo de subjetivação da aprendizagem, onde há a produção de um sujeito na relação de poder. As categorias de um perfil mais democrático e o processo de subjetivação utilizadas para analisar estes dados coletados são de Foucault (*apud* Veiga Neto, 1996, p. 157) e nos ajudam a compreender como o sujeito pode ser ou é moldado em nossa sociedade. A forma como o/a professora age pode influenciar os rumos educacionais tomados pela criança.

Continuando as análises sobre o perfil, 2 outras professoras nos retornaram cada uma com uma concepção diferente sobre como se viam enquanto profissionais. Os perfis foram: “aquela que tem certeza de que sabe o que está fazendo para garantir a aprendizagem dos estudantes” e “aquela que se preocupa em enxergar o resultado no final do processo de aprendizagem”. A primeira se encontra dentro da categoria de regime da verdade estudada por Veiga Neto (1996), pois é aquela que detém o conhecimento, que direciona o saber de seus alunos, dentro daquilo que acredita ser verdadeiro ou falso. A segunda é aquela que utiliza dos meios disciplinares para que seus alunos alcancem os objetivos esperados. Tendo a disciplinaridade entendida por Foucault *apud* Veiga Neto (1996, p. 59) “(...) como uma técnica que produz corpos dóceis”, ou seja, age a partir do disciplinamento dos corpos, tornando os sujeitos apáticos e “fáceis” de se conduzir ou de ensinar, porém de forma extremamente autoritário.

Embasadas em Charlot (2000), no que se refere a compreender o que as pessoas dizem que sabem sobre um determinado tema ou discussão. Nos dados da próxima questão que iremos abordar, buscar entender o que as professoras dizem que sabem sobre a aprendizagem das crianças no período de alfabetização.

Sobre esta questão, encontramos alguns relatos relevantes para serem compartilhadas neste estudo: a Professora 2 nos diz que “*a aprendizagem da criança no processo de alfabetização baseia-se em conhecer e identificar as letras, os fonemas, grafemas, as sílabas, a leitura, a escrita e seus instrumentos. É um processo que envolve muitas etapas, muita dedicação e um olhar atento, pois cada criança aprende de uma maneira e no seu tempo*”; a Professora 3 acredita que a alfabetização “*ocorre de maneira processual, como em um processo de estágios ou fases, mas que precisam ser estimulados e trabalhados (no sentido de exercitar) para avançar*”; já a Professora 7 diz que “*a construção do conhecimento acontece a todo instante, independente do ambiente, desde que haja estímulo e interação com o meio. A escola tem o papel muito importante em aproveitar os conhecimentos, acrescentar e favorecer o aprendizado*”.

A concepção do que acreditam saber sobre a alfabetização de seus alunos nos leva a refletir que a formação das docentes pode influenciar o modo significativo na forma como ensinam e enxergam o aprendizado das crianças. A Professora 2 está muito arraigada ao currículo oficial, valorizando os requisitos para a aquisição da leitura e escrita, já a Professora 3 compreende a alfabetização como processo de aprendizagem, aquela que nos diz que cada aluno tem o seu tempo para aprender, enquanto a Professora 7 vai além e demonstra compreender que a criança aprende a todo tempo e em várias situações sociais.

Quando questionamos sobre a formação continuada, a Professora 4 relata que proporciona a “*melhor compreensão das teorias pedagógicas (métodos de alfabetização), bem como aguça o olhar e permite se atentar para as fases de aprendizado de cada criança e deste modo procurar alternativas para entender melhor seus erros e progressos, para buscar melhores estratégias de aprendizagem e avanço no processo de assimilação da linguagem escrita*”. Esta Professora reforça a ideia de que a formação é importante para ampliar as possibilidades para avançar nas práticas educativas, relacionando a teoria e prática.



Observamos no questionário respondido por essas profissionais que, em sua maioria, procuram realizar cursos de aperfeiçoamento, extensão, especializações e até mesmo chegando a níveis mais avançados de sua formação como o Mestrado, e isso é muito importante, pois cada vez mais, as demandas com as aprendizagens dos estudantes têm se diversificado nas salas de aula, do mundo moderno, e faz-se necessário buscar novos saberes e investir sempre na formação continuada.

Noutra questão, quando indagamos se estas formações refletem nas práticas educativas cotidianas, as respostas obtidas foram as seguintes: a Professora 1 relata que *“a formação continuada acaba sendo uma troca de saberes onde aprendemos ou relembramos algo que de repente passa despercebido. Com a formação a gente utiliza jogos, brincadeiras e situações que leva a criança a desenvolver no seu processo de ensino aprendizagem”*, já a Professora 2 acredita que *“a formação continuada proporciona ampliar o olhar do professor para as práticas cotidianas. Possibilita traçar novos caminhos, entender algumas dificuldades dos alunos e trabalhar em cima delas com uso de diversos recursos e de forma mais humana, levando em consideração os limites e capacidades individuais do aluno”*.

Percebe-se na fala das docentes uma preocupação com a aprendizagem de seus alunos e com a ação que realizam em sala de aula, ao mesmo tempo que buscam novos saberes em formações continuadas, preocupando-se em colocá-los em prática, na tentativa de motivar e mobilizar os alunos a aprender.

Não podemos deixar de mencionar que, em suma, a maioria dos professores brasileiros, como relata Charlot (2013) são basicamente tradicionais, a escola está organizada dessa maneira, porém autodeclaram-se construtivistas. Para o autor não é esta a questão a ser discutida, e sim, o professor que leva o seu aluno a refletir e deixa de ser um professor da resposta para ser aquele que instiga o aluno a pensar e refletir através de seus próprios questionamentos e reflexões.

Pensando nesta questão em nossa pesquisa on-line perguntamos as professoras quais eram as estratégias que utilizavam em sala para levar o aluno de alfabetização a aprender, a fim de motivá-lo. Verificamos que a maioria das professoras utilizam em suas práticas cotidianas aulas expositivas e o livro didático, estratégias consideradas tradicionais, somadas a estratégias consideradas construtivistas tais como: jogos e brincadeiras, músicas e dramatizações, contação de histórias, trabalhos em grupos, utilização de projetos e pesquisas, contrapondo-se ao ensino tradicional, na qual o professor é o detentor de todo o saber e os alunos são aqueles que não sabem nada e precisam aprender, ou seja, o professor é aquele que explica o conteúdo e o aluno aquele que o absorve (CHARLOT, 2013).

Outras estratégias consideradas construtivistas como o uso de diferentes espaços da escola e da tecnologia também ganharam destaque entre as respostas das professoras, pois estas estratégias permitem que os alunos entrem em contato com conhecimento se colocando como protagonistas de seu aprendizado e fazem com que os alunos construam novos saberes.

Quanto ao que acreditam ser mais significativo enquanto prática no processo de aprendizagem, outra questão feita por nós, todas as professoras responderam que estabelecer um bom vínculo entre professor e aluno se faz importante, porém para Charlot esse vínculo afetivo não é uma obrigatoriedade do professor e pode ser visto como positivo ou negativo. Para o autor a escola deve ser democrática, na qual *“o professor ensina e educa todos os alunos, incluídos os de quem gosta e os que não gostam dele”* (CHARLOT, 2013, p. 125), ou seja, independentemente de ter empatia ou não. O professor deverá estar comprometido com o ato de ensinar a todos, sem discriminar nenhum aluno/a neste processo.

Estimular a criatividade, criticidade e espírito investigativo nos alunos; utilizar estratégias diversificadas para contemplar o máximo das necessidades dos estudantes; incentivar o trabalho em grupos para que uns aprendam com os outros; também, aparecerem entre as respostas das professoras como práticas importantes e significativas na aprendizagem para motivar seus alunos na construção do saber. Porém, observamos que o reforçamento de conteúdos como o uso de atividades para casa ainda é utilizado demonstrando a tentativa da escola e dos professores para garantirem a transmissão de um patrimônio cultural e intelectual.

Ao finalizar este estudo, percebemos a importância da coleta de dados para elucidar as o aprofundamento teórico deste trabalho, apresentando informações relevantes sobre os professores de alfabetização em relação ao seu esforço e ao desafio com esta etapa da Educação Básica. Por



fim, retomamos que embora haja muito avanço na política educacional, ainda há um ranço tradicional que paira sobre a escola pública e que o trabalho para romper tais práticas tem sido, um esforço como o “trabalho de formiga”, de uma a uma, as professoras buscam formação, trocar experiências e assim, proporcionar tanto a sua construção do saber como processo contínuo, como a de seus alunos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos muitas são as vertentes pedagógicas utilizadas ao longo dos anos para nortear o trabalho docente com o objetivo de construir ser humano como ser aprendente, cujo desafio, também, está lançado à educação que complemente a sua formação integral em todos os seus âmbitos: humano, social e singular (CHARLOT, 2013). Porém, não existe uma receita pronta para que estes possam aplicar em sala de aula na tentativa de evitar o fracasso de seus alunos.

Como já mencionado neste artigo a relação que os professores têm com o saber e como enxergam esse aluno, certamente, irá influenciar no fracasso ou no sucesso deste. As percepções acerca do fracasso podem ser vistas como uma “porta” para enxergar o que está acontecendo com a aprendizagem nas salas de aula e com a sociedade de modo geral.

A concepção do fracasso escolar varia para cada professor de acordo com a sua formação e experiência que teve em sua trajetória como docente. Alguns ainda acreditam nas teorias da reprodução cultural, das dificuldades encontradas entre as populações de baixa renda em manter as crianças na escola e evitar a evasão escolar ou a falta de interesse das famílias etc. Outros atrelam o fracasso a falta de investimentos pelos governos na escola pública para torná-la mais diversificada e motivadora.

Os alunos, também, são culpabilizados por não adquirirem as competências necessárias na idade certa como, por exemplo, não se alfabetizar e, mesmo assim, prosseguem os estudos devido as políticas públicas de progressão continuada. Existe, ainda, aqueles que culpam o professor por não conseguir fazer com que seu aluno seja exitoso em sua escolaridade, por não disciplinar de forma “exemplar”.

Nesse sentido, se esquece que a escola é uma instituição social e as relações que perpassam por ela são múltiplas, ou seja, sociais, econômicas, políticas, culturais etc. e juntas movimentam este fazer educacional integral do aluno, seja na construção do saber e do conhecimento, seja nas relações sociais que este estabelece ao longo da vida.

Vale lembrar que o professor não é um profissional que trabalha sozinho na construção do conhecimento e das aprendizagens de seus alunos. Ele está dentro de uma instituição, denominada escola e nela perpassam diversos outros profissionais que podem contribuir com múltiplos aprendizados e saberes, a fim de motivar os alunos e superarem o fatídico fracasso escolar.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica e Conselho Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 9765, de 11 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Brasília, 2019.

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: dezembro de 2020.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa**. MEC, 2012.



CHARLOT, B. **Da Relação Com o Saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, B. **Da Relação Com o Saber às Práticas Educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 26. ed. Edições Graal: Rio de Janeiro, 2008.

GOMES, M. F. C. Dos “Maus” e “Bons” Alunos. In: GOMES, M. F. C.; SENA, M. G. C. (org.). **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Ceale, 2011.

MORUZZI, A. B. A infância como dispositivo: uma abordagem foucaultiana para pensar a educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 279-299, maio/ago, 2017.

MORUZZI. A pedagogização do sexo da criança: do corpo ao dispositivo da infância. *Revista Eletrônica de Educação.*, v.13, n. 2, p. 438-458, mai/ago. 2019.

RESENDE, V. B. Fracasso e sucesso escolar: os dois lados da moeda. In: GOMES, M. F. C.; SENA, M. G. C. (org.). **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Ceale, 2011.

RISCAL, S. A. Indisciplina Como Processo Educativo Docente. In RISCAL, S.; OLIVEIRA, B.; BALDAN, M. (org.). **A Coordenação Pedagógica e a Gestão Democrática**. São Carlos: Pixel, 2016.

VEIGA NETO, A. J. **A Ordem Das Disciplinas**. 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1996.